

A VOZ DE

MELGAÇO



DIRECTOR: JÚLIO HILARIÃO VAZ
ANO XLVII — Nº 972
15 de Outubro de 1992

QUINZENÁRIO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15

Preço Avulso — 60\$00
Tiragem da última edição
2.400 exemplares


PORTE PAGO

«Os quarenta Milhões»

A RTP no dia 14/08/92, no seu jornal das 13 e 19.30 horas, passou uma reportagem sobre a vila de Melgaço. Em lugar de falar das Festas da Cultura, como era seu dever, mostrou a Alameda Inês Negra, o Terreiro com sua esplanada, alguns emigrantes, um gerente bancário confirmando que os cofres das agências bancárias estão a abarrotar de notas. O Presidente da Câmara, Rui Solheiro, é entrevistado. Não percebi bem a pergunta mas a resposta deixou-me estupefacto! «...sim, poderá haver investimentos em Melgaço se o governo isentar de alguns impostos os investidores». Isto disse o nosso presidente, mais palavra menos palavra. Quer dizer, o concelho entraria na senda do progresso se a partir de Janeiro do próximo ano, por exemplo, os empresários deixassem de pagar ao Estado os impostos devidos! É certo que não o deixaram falar durante muito tempo; é certo que numa pequena entrevista as ideias não se completam. Mas... se a solução fosse essa todos os concelhos do país desfrutariam de um saudável bem-estar. Não, essa não é a solução. Poderá ser um rebufado para os empresários, mas ninguém com juízo se arriscaria a investir os seus capitais e tecnologia só porque os lucros estariam parcialmente isentos de impostos. E existirão os lucros? O sr. presidente esquece-se de que em Melgaço não existem riquezas naturais em abundância. O que serviria de matéria-prima a essa unidade industrial? Em Melgaço não há mão-de-obra: quer especializada, quer indiferenciada. Esperaria o empresário pacientemente que o Instituto de Emprego formasse melgacenses ou em alternativa contrataria operários de outros concelhos? Investir em quê e em quem? A agricultura, mesmo modernizada, nunca será muito rendível devido ao solo pobre e terrenos acidentados (excepção para o vinho alvarinho, mas este só pode ser produzido em certas áreas); o comércio, num concelho de emigrantes, é irregular, isto é, apenas trabalha nos meses que os

emigrantes vêm passar as suas férias. Até porque nos nossos dias fazer compras em Melgaço ou em Paris é praticamente a mesma coisa (talvez em Paris se compre mais barato no período de saldos)! A população mais idosa de Melgaço tem dinheiro (daí a reportagem) mas não tem hábitos de consumo. As aldeias estão a ficar despovoadas; as casas construídas com tanto sacrifício e carinho ficam às moscas durante quase todo o ano; a vila irá aumentado a sua população graças à escola secundária, ao seu clima cada vez mais ameno, ao prestígio que dá morar numa vila «sou da vila, moro na vila!»

Penso que não será com isenções que o problema do nosso concelho se resolverá. As soluções para Melgaço, para Monção e para tantos, tantos concelhos do país, passarão por uma política de âmbito nacional e regional; pela eliminação de assimetrias escandalosas; pela distribuição correcta da população por todo o território nacional. Lisboa, Porto e mais algumas cidades, concentram a maior parte da população portuguesa, a indústria, o comércio, os serviços. O resto é paisagem! A nossa terra teve o azar ou a sorte de ficar longe dos grandes centros. Não pode, infelizmente, por si só fazer o que seja. Deverá, enquanto a política do governo for esta, melhorar os seus restaurantes e pensões, criar alguns atractivos para os turistas, dar vida a uma culinária própria, profissionalizar os empregados de mesa; rasgar (e aí sim, a Câmara poderá ter um papel muito activo) uma avenida em direcção ao rio, bem iluminada, e fazer uma praia fluvial (existem para isso condições desde Chaviães até Remoães). Dinheiro? Para esse empreendimento criar-se-ia uma empresa mista (Câmara-particulares) empresa essa que iria futuramente explorar esse espaço privilegiado: bares, lojas de recordações, uma sala de cinema, etc., etc. Utopia? Talvez, mas sem ela não se avança. Quem, há anos, pensaria ter nas suas casas água do rio Minho? Ter Escola Secundária? Um Lar para Idosos? Melgaço tem de dar o tal passo qualitativo. Sejamos utopistas e avan-

çamos. Não temos grandes riquezas no concelho no que diz respeito a matérias-primas, mas temos um dos concelhos mais belos do país: isso ninguém nos pode roubar! O turista, se o quiser conhecer, terá de deixar aí algum dinheiro; mas Melgaço deverá deixar boas recordações para que o voltem a visitar: isso será turismo sério. Mas para que os turistas surjam é preciso fazer publicidade: onde está ela? Por exemplo: o filme A Cruz de Ferro foi filmado em Castro Laboreiro. Quem o sabe? As Águas de Melgaço curam a diabetes, fazem-se bebidas agradáveis com ela. Em nenhuma parte se encontra à venda! O presunto de Melgaço (Castro e Fiães) era considerado o melhor do país juntamente com o de Chaves. Onde está? O progresso, o desenvolvimento integral, não se poderão verificar sem algum profissionalismo nas actividades em que Melgaço poderá dar cartas. O amadorismo existente não traz benefícios a ninguém. Desejo ardentemente que a criação da Adega Cooperativa venha a ser um grande passo no caminho da modernização. Mas atenção! Há dias, o jornalista Jorge Morais chamava no seu jornal «marados» aos portugueses. Porquê? Porque, dizia ele «nós não podemos ver coisinha que não queiramos logo abrir, mudar, remexer, estragar.» Isto a propósito de se falsificar o queijo da serra, os vinhos, etc. Logo a seguir: «Dá ideia de que, no hardware do computador português, está metido um programa de auto-destruição. Entra em funcionamento automático mal topa um trabalho bem feito.»

Seria óptimo que os melgacenses fugissem à regra e em lugar de destruir construíssem muito e bem. Nem calculam como me senti orgulhoso quando um dia destes fui fazer compras ao Euromarché e lá encontrei o nosso alvarinho D. Paterna ao lado do produzido no Palácio da Brejoeira!

Saudações amígras a todos os melgacenses

Joaquim A. Rocha

Castro Laboreiro

Subsídios para a história do Castelo

De há muitos anos, tenho com Castro Laboreiro uma relação muito especial. Começou por uma visita de infância com meus pais (se não erro, transportou-nos o António Ferrador). Reatada mais tarde, não deixou de repetir-se, fosse por motivos profissionais fosse por iniciativa pessoal, mas sempre, em todo o caso, por uma

necessidade de tonificar o espírito com o ar balsâmico da serra ou recrear o sonho na fabulosa magestade granítica recordada, aqui e além, em figuras diversas esculpturadas pelo vento dos séculos.

Mas o que sobretudo me encanta é o seu castelo, olhando-me lá do alto, à distância de um tiro espingarda, por sobre a mole de granito, só aparentemente «ameaçadora e bruta» (1). Mal chego ao termo da estrada alcatroada, raramente resisto àquele silencioso sinal da antiga fidelidade e magoado esquecimento. E quando dou por mim, já estou a caminhar, no geral acompanhado por outros amigos de redescoberta, por carreiros saibrentos e gretados, até encontrar o fió da meada, que é como quem diz os degraus naturais nos interstícios dos rochedos, e a seguir os pequenos entalhes que não sabemos se por ali andou mão do homem ou foi à força de se trepar como, mal comparado, as covas das colunas da catedral de Compostela feitas por dedos peregrinos.

A partir de certa altura, é a paisagem a desdobrar-se de um e outro lado, cinzenta e verde, de onde em onde colorida pelas telhas rubras do casario, o ribeiro que se adivinha saltando lá ao fundo, de pedra em pedra, sobre trutas vivazes, e, meu Deus!, a entrada no Castelo, tão impregnado de presença que o silêncio fala e as giestas são apenas camuflagem... Pensar que naquele chão se defendeu a integridade de Portugal!

Não admira, pois, que nunca perdesse uma oportunidade de divulgar este pedaço da terra portuguesa, a sua paisagem e a sua gente, fosse na conversa de amigos, fosse em produção escrita de que como referência, menciono dois trabalhos: um, há cerca de vinte anos publicado no «NOTÍCIAS DE MELGAÇO», em rodapé de alguns números, por sinal inçado de



inexatidões (que o Padre Aníbal já me perdoou...); outro, há coisa de um ano, na revista da GNR «PELA LEI E PELA GREI», com o título «Castro Laboreiro Revisitado», agora sim obra mais limpa e acabada.

Do que se trata hoje é carrear alguns elementos que, por serem inéditos, constituem subsídio, posto que

modesto, para a história do castelo.

Vem a ser uma relação de material que topei no Arquivo Histórico Militar, em Lisboa, quando recolhia elementos para um trabalho sobre Valença. Respeita ao ano de 1772(3) e tem, quanto a mim, dois pormenores interessantes. O primeiro consiste na indicação de que 100 (cem) armas de fogo e respectivas baionetas se encontram «Destribuidas pelos moradores, no ano da guerra pelas não terem». Note-se que o Tratado de Fontainebeau fora assinado dez anos antes, mas o estado da alerta continuava, não fosse o diabo tecê-las... A guarnição do castelo de Castro Laboreiro, que era destacada do Regimento de Valença,

Continua pag. 4



Um Sonho à Beira-Mar

A realidade que o espera...

Temos a solução das suas Férias. Contacte-nos

Rua José Afonso, 192
Tel 053/616286 • 4700 BRAGA

Da Vila e Concelho

Que desporto?

Dia de jogo de futebol oficial na nossa terra. Não havia bilhetes para comprar porque a entrada era livre, dando cada qual o que entendesse e até podia não dar nada. Mas então de que vive o clube? Do Sócio benemérito que é a Câmara?

Dentro do campo as duas equipas disputavam o jogo com certo entusiasmo e o Melgacense ganhou, mas fora do campo, mesmo contando os muito poucos que vieram de fora, não havia cinquenta pessoas!

Um jogo em casa, de graça para os sócios, praticamente sem assistência, só quer dizer que em Melgaço o futebol não interessa, embora por carolice de alguns teime em continuar.

Tem de se dizer que o campo para o futebol, que naquele sítio foi construído por teimosia ou por vontade política, não convida nada as pessoas a chegarem lá a pé, mas já que está ali... não deve ser essa a causa principal para o desinteresse quasi total da gente da nossa terra pelo que deveria ser, e infelizmente não é, o clube de todos os melgacenses.

Carlos Alberto Afonso

Novo Doutor

Na Faculdade Superior de Medicina Dentária da Universidade do Porto, terminou com alta classificação o curso daquela especialidade o nosso conterrâneo Dr. Manuel António da Costa, natural da freguesia de Rouças, deste concelho, filho do Sr. António da Costa, já falecido, e da Sr.ª D. Maria Fernanda Gonçalves.

Ao novo doutor, desejamos muitas felicidades na carreira por que optou e os nossos parabéns.

Aposentação

A lei do limite de idades, atingiu agora o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Manuel Augusto Cerdeira, que após trinta e seis anos como Técnico de Telecomunicações «TELECOM PORTUGAL», passou à situação de aposentado, tendo prestado os seus serviços com apuro, zelo e dedicação, com prestígio das funções que honrosamente exercia.

Poderia fazer uma descrição bem merecida da sua pessoa, mas a sua reputação é demais conhecida e considerada no nosso concelho, que me dispense de fazer mais comentários.

Lamentamos profundamente a sua retirada do serviço, pois já estávamos habituados à sua amável maneira e pronta de atender sempre que lhe fosse possível.

Ao bom amigo Manuel Cerdeira, desejamos as maiores felicidades e que Deus lhe dê muita saúde para gozar a sua merecida aposentação junto de sua esposa, familiares e amigos.

Alfredo do Paço

Dr. Domingos da Cunha Gonçalves

Acompanhado de sua Exma. esposa Sr.ª Dr.ª D. Alda da Cunha Gonçalves, esteve entre nós, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Dr. Domingos Araújo da Cunha Gonçalves, Dgmo. Adido à Exbaixada do Brasil em Lisboa.

Nesta visita o ilustre diplomata, sua esposa e o nosso correspondente Alfredo Lourenço do Paço, tiveram um almoço de confraternização no conceituado Restaurante «BOA-VISTA» da Estancia Termal do Peso. Os nossos cumprimentos.

Aniversário

Festejou o seu aniversário natalício o nosso conterrâneo Sr. Henrique Manuel Rodrigues, industrial.

Felicidades o aniversariante com os nossos parabéns e desejos de longa vida.

Família melgacense visitou a sua terra

No «SOLAR DE GALVÃO» desta vila, estiveram de visita a seus familiares, os senhores nossos estimados assinantes Dr. Francisco Botas (médico), esposa Sr.ª Dr.ª D. Hélia de Castro Anselmo Botas, Chefe dos Serviços de Ginecologia e Obstetria do Hospital de Santa Maria em Lisboa; Dr. Armando Magalhães, advogado no Porto, e esposa Sr.ª D. Rosália de Castro Anselmo Magalhães; Adriano Faria e esposa Sr.ª D. Natália de Castro Anselmo, residentes no Porto; Dr. Artur de Castro Anselmo, advogado no Porto.

A todos os nossos cumprimentos.

Aniversário

Festejou o seu 69º aniversário natalício o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Jaime Lopes Salgado, funcionário das Hidráulicas aposentado.

Para comemorar esta data, o aniversariante ofereceu um jantar a diversos seus amigos, no Restaurante «POMBA» da freguesia de Alvaredo deste concelho.

Os nossos parabéns, com desejos de longa vida.

NECROLOGIA

D. Isaura Augusta Marques

Na residência de seus familiares em Vila Nova de Cerveira, faleceu a nossa conterrânea D. Isaura Augusta Marques (A Isaurinha da Loja) de 92 anos de idade, nossa estimada assinante.

A extinta, pessoa de respeitabilidade e muito considerada na nossa terra, foi durante muitos anos até a sua aposentação, funcionária da firma comercial desta vila «António Joaquim Estes» (LOJA NOVA) e era irmã da Sr.ª D. Maria Amélia Marques.

O seu corpo foi trasladado para esta vila, onde se realizou o funeral com grande acompanhamento, seguido de missa de corpo presente a que presidiu o Rev. P.º Justino Domingues.

A toda a família em luto, apresentamos sentidas condolências.

Alfredo do Paço

Manuel Faria Cortes

Na sua residência em LE CREUSOT-71200-França onde estava radicado há muitos anos, faleceu com a idade de 78 anos, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Manuel Faria Cortes, natural do lugar do Peso, freguesia de Paderne, deste concelho.

Era casado com a Sr.ª D. Amélia dos Anjos Soares Cortes.

O seu corpo ficou sepultado em jazigo de família, no cemitério daquela localidade.

À família em luto, apresentamos sentidas condolências.

Alfredo do Paço

Iniciou-se o Ano Catequético

No dia 27 do mês findo efectuou-se a Assembleia de catequistas do arcepresbiterado de Melgaço. Participaram cerca de 60 catequistas, que representavam quase todas as paróquias.

O tema de estudo para o Ano de catequese é «Catequese com a família e na família», que o Director Diocesano padre Dr. Joaquim António da Costa Vilar. desenvolveu.

O encontro terminou com uma celebração eucarística, a que presidiu o rev.º Arcipreste.

Manuel Inácio Durães

Este prezado Amigo teve a gentileza de nos enviar um postal ilustrado com estas palavras: «Desta peregrinação à Terra Santa, os meus melhores cumprimentos para «A Voz de Melgaço».

Gratos, bom Amigo, por nos lembrar nos Lugares Santos.

Anselmo Manuel Malheiro

MEDIADOR DE SEGUROS
AGENTE COMERCIAL

Residência e Escritório:
IGREJA - CHAVIÃES • Tel. 42525 • 4960 MELGAÇO

Compre agora
e pague em 12 meses

em
Móveis Castelo

de:
Ramiro de Lima A. Cerqueira
Rua das Escolas
Telef. 42695 • 4960 MELGAÇO
Exposição: Rua da Calçada

Anuncie no jornal
«A VOZ DE MELGAÇO»

«A VOZ DE MELGAÇO»

Propriedade da Empresa Jornal
«A VOZ DE MELGAÇO, LDA»

Director:
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector:
CARLOS NUNO SALGADO VAZ

Redacção e Administração:
Largo da Senhora-a-Branca,
n.º 105 - Tel. 25284
4700 BRAGA

Composição e Impressão
em Offset:

Litografia A.C.
R. Cons. Lobato, 179 R/C
Tel. 72967 - 4700 BRAGA

Assinatura (anual):
1.300\$00

Aos assinantes que recebem o jornal
com uma 3ª dobragem ou cinta mais
500\$00 por ano.

Construções

Alfredo
Domingues

Constroi, vende e aluga

CARVALHO DE LOBO
Tel. 43433 • MELGAÇO

Móveis Tropical

DE: Maria Fernanda Golim Fernandes

DECORAÇÃO
DE INTERIORES



Telefone (051) 42457 • S. Gregório • MELGAÇO

AGÊNCIA FUNERÁRIA



VILARINHO

Com auto-fúnebre próprio

Trasladações para todo o País e Estrangeiro

Serviço Permanente

DIURNO e NOCTURNO

Rua Nova
(junto à Casa do Povo)

Podame - Monção
Telef. 54220

Loja Nova - Melgaço
Telef. 42802

FLORISTA VILARINHO

FAZEMOS

- Bouquetes, Coroas, Palmas
- Todo o tipo de ramos que de-sejar oferecer
- Ramos de noiva
- Ornamentação de Igrejas, Carros para casamento, Salas de Festa
- Plantas naturais e artificiais
- Flores secas e naturais

Rua Nova (Junto à Casa do Povo)
Loja Nova - Telef. 42802 - MELGAÇO

Electrotécnica

António Solha & Irmão

~ Rádio
~ Instalações Eléctricas
~ Televisão
~ Amplificações Sonoras

Agentes da SIEMENS

Assistência Técnica Qualificada

Praça da República • Telef. 42294
4960 MELGAÇO

CRÓNICA ODONTOLÓGICA II

O meu tratamento dentário na Faculdade de Odontologia ia continuar. Após as peripécias narradas na crónica anterior, aconteceu o Natal e o carnaval, ou seja, tempo de férias.

Durante tres meses descansei dos horrores daquelas cómodas cadeiras. Em Março a Ester telefonou-me dizendo do retorno às aulas e marcando dia e hora para prosseguir a função. Combinado!

Lá estava eu naquela cadeira superconfortável não fosse a finalidade. Tudo funcionando a contento. Ar refrigerado, limpeza impecável, até tinha ar e água nos aparelhos.

Em conversa preliminar fiz ver à Ester que ela deveria consultar o professor para avaliar o estado geral dos meus dentes e programar um trabalho definitivo. Não seria interessante fuchicar à toa, tampando buracos, remendando se logo a seguir seriam extraídos ou substituídos. Ela achou válidas as minhas ponderações e convocou a Zilda, a professora do sector. Muito competente esta mestra. No primeiro relance de olhos sentenciou: «Que droga de dentes, não valem nada. Mas, já que tem de praticar, vamos lá ver o que se pode fazer. Estes cacós aqui, mete a broca por lá, faz um ombro até ao mezial e prepara a forma para fundir a corôa. A forma pode alcançar logo os dois dentes. De dois fazem um. Estes outros aqui e ali, limpa bem os buracos com uma vassourinha a tampa com cimento. Cimento não, bota logo umas colheres de cal, assim, quando for sepultado já não federá tanto».

Comecei a suar de pavor e quiz intervir. Não me deixaram falar. Toda a vez que eu fechava a boca como protesto apertavam-me o nariz. Para respirar era obrigado a abrir a boca e elas continuavam o estudo científico. Para liberarem os dedos puseram uma mola apertando-me o nariz. As minhas mãos estavam manietadas com os braços da cadeira.

Uma correia firmava-me pela cintura. Cada vez eu suava mais, mas, isso até que foi bom para disfarçar. Deixa eu contar para vocês outra desgraça: na sexta-feira anterior, quaresma, esquecemos de comprar peixe fresco. Para não fugir à tradição valemo-nos numa lata de sardinhas em conserva que tinhamos em casa pelo menos há cinco anos. Quando a compramos já era de segunda mão. Como é de supor as sardinhas não estavam muito «católicas». Pois foi, atacaram-nos os rins e a bexiga provocando uma cistite dos diabos. No dia do tratamento eu estava urinando de minuto em minuto, umas gotinhas, é claro. Sabendo que ia ficar esticado de boca aberta pelo menos tres horas sem poder levantar, nem poder levar penico, apeiei para o meu génio inventivo. Adaptei um tubo plástico seguro com adesivo à perna, saindo disfarçadamente junto ao salto do sapato. Funcionou. Aquele meu suor de pânico veio ajudar, justificando o laguinho que se estava formando no chão.

Completamente dominado não tinha a mínima reação. Só me restava o que diziam. Elas continuaram:

«Professora, e estes dois aqui em baixo na frente? Um está descarnado e solto. — Não adianta, arranca logo. Arranca os dois.» Dito e feito; a professora meteu a mão e com a maior facilidade arrancou-os e jogou-os no lixo e concluiu:

«Agora é fazer uma prótese e vai ficar bom. — Como prótese, professora? O senhor aí, segundo a Assistente Social é de classe «C». A senhora conhece o carro dele? Coitado, olhe como ele traja humildemente. Não deve ter dinheiro para mandar cantar um cego quanto mais para pagar uma prótese.»

Eu não podia falar, propositadamente deixaram um ferro segurando a minha boca aberta para tirar a mola do nariz que estava atrapalhando. Mesmo assim eu espumava e grunhia. Mentalmente eu xingava todo mundo. — Suas carnicieiras, não é tanto assim! A Ester achou que devia colocar no lugar os

dentes jogados no lixo. A professora concordou. Procuraram, limpavam muito bem mas, como segurar? — «Talvez botando uns parafusos, disse a Zilda. — Não vai segurar, o maxilar dele é muito fraco. A menos que os parafusos saiam por baixo do queixo seguros com porcas. — Mas vai ficar feio, os parafusos à mostra. — Ele pode usar um lenço ou coquecol permanentemente. — O melhor é colocar uma resina e avisar-lo que é só para vista. Não pode morder nada. — Coitado, nesta altura não deve ter apetite nem o que morder.» Outra vez protestei intimamente. — Suas imbecis. Como se atravessem a falar do que não sabem? Por acaso conhecem as nade... O debate científico entre aquelas duas prometia continuar. De repente escutou-se no circuito de alti-falantes a chamada: «Atenção, atenção! O paciente M. Igrejas que deve estar sendo atendido, queira dirigir-se à sala da diretoria.» Aquelas duas não se lembravam do meu nome. Tentei chamar a atenção de todos os modos. Espumei pelo nariz, pelos olhos e pelas orelhas. Pensando que eu ficaria apoplético, tiraram o ferro da minha boca. Gritei a plenos pulmões: — Suas imbecis, sou eu! — É o senhor o quê? — A pessoa chamada pelo microfone. — Tá bem. Quando acabar a consulta o senhor atende? Uma vez que a minha boca estava livre de ferramentas, dei um estúcio e consegui sentar-me na cadeira. Mais um esforço e estava em pé. — Vou na diretoria apresentar queixa contra vocês. Vou à policia, vou aos jornais. Carnicieiras!

O alti-falante repetiu o chamado. Perguntei a um atendente e dirigi-me à tal sala deixando no corredor um rasto de xixi. Era um gabinete envidraçado. Lá dentro tres cidadãos vestidos de branco, já maduros. Dois com cabelo por baixo do rosto e um por cima. Na carca daqueles dois, de tão polidas, as moscas pousavam e escorregavam. O que estava sentado no meio, óculos escuros na testa apoiados nas bastas sobranceiras, ao ver o meu vulto, falou: — Pode entrar. — Entrei, cumprimentei entre dentes e fiz menção de sentar-me numa cadeira. — Ei! Não septa, não! Criminosos não tem privilégios. — Fiquei atônito. Criminoso? Então aquilo ia ser um julgamento. — Você é que é o tal M. Igrejas. — Às suas ordens, Manuel Félix

Igrejas. — «Olha aqui seu croniqueiro de merda, vai pagar caro as injúrias assacadas contra a nossa Instituição.» Bociferou o Director arvorado em Juiz. Abriu uma pasta tirando dela «A Voz de Melgaço», agitando-a no ar querendo esfregar-na na cara. Então era isso, pensei, eu devia ter imaginado. Claro que alguém iria levar ao conhecimento da Faculdade as brincadeiras que escrevi na minha crónica. — Mas naquele dia o ar condicionado não funcionou. Aleguei. — Ora, seu fofoqueiro, nos dias que isso acontece damos uns abanicos aos pacientes para se ventilem. — Abanico? Brasileiro não usa esta palavra. Aquele juiz era descendente de espanhol.

Dos fracos não reza a história e resolvei defender-me contra-atacando. — Mas tudo aquilo foi verdade, apenas exagerado como convém numa crónica humorística. Os senhores deviam ter vergonha do descaso e abandono da Universidade. — Isso não é da sua conta, falou um dos carécas. A ninguém é dado enviar notas ao estrangeiro desmoralizando as nossas instituições. E logo um veículo destes, de grande penetração. A esta hora toda a Europa está rindo de nós. — Falou o outro caréca. Aproveitei para valorizar o nosso jornal e sapequei: — O mundo inteiro já deve ter lido isso. E continuando no ataque: — os senhores não terão a petulância de fazer qualquer coisa contra mim, tenho grandes trunfos. Se me azucrinarem faço queixa ao Fernando Alves, do Banco Dimensão que denunciará as vossas remessas de dólares para os bancos Suíços. Aqueles tres cairam numa gargalhada estrondosa. Choravam de tanto rir. É, aquela tirada não fora boa. Os coitados ganham um salário de fome. Se não comessem de graça na faculdade, morreriam de inanição. Continuaram rindo a bandeiras despregadas, até que uma nova poça de xixi apareceu no chão além da minha. Aqueles também não conseguiriam botar uma prótese se precisassem. — E depois, continuei eu no ataque, temos na ONU um representante de Melgaço que teve grande desempenho na guerra do Golfo Pérsico. Foi o principal artífice daquela retumbante vitória. — Como é o nome dele? Perguntou um dos carécas preocupado em enxotar uma mosca que finalmente conseguiu equilibrar-se no tóutico. Ti-

na de pensar rápido em alguém que convencesse. O camarada devia ser daqueles que acompanham noticiários e sabem de tudo. — Fernando Domingues, o famoso Bolas. Declarei orgulhoso. O cidadão coçou a barba, olhou o tétó e respondeu: «Não conheço. Nunca ouvi falar.» — É que ele é membro por correspondência. Esta também não pegara. Saquei da última cartada, a que deixo sempre para o final esperando não precisar usar. — Eu tenho protecção especial lá do céu. Os tres jurados entreolharam-se sisudos. Percebia-se que, pelo menos na infância, tiveram contacto com a religião. Mas veio o balde de água fria: «— Nós também!» — Deixemo-nos de tretas. Já teve conversa fiada demais-disse o chefe. — Pensemos rápido uma sentença e fim de papo. Aquele que continuava servindo de escorrega para as moscas, arriscou: «— Ele não é português? Então vamos pintar-lhe os dentes de branco e preto em homenagem ao seu Vasco da Gama. — Vamos fazer melhor: a maior sacanagem que se pode fazer a um Vascaino é obriga-lo a usar as cores do Flamengo. Vamos pintar-lhe os dentes preto e vermelho. Vai ficar uma gracinha. Depois que se vá queixar «A Voz de Melgaço». Nesta altura o tubo de plástico da minha perna parecia uma cachoeira. No meu ouvido escutei uma voz feminina conhecida vinda do alto que sussurrava: — Não ligue. Depois colas por cima uma película de plástico como fazem os artistas de televisão. — Vamos terminar com esta palhaçada, vai buscar as latas de tinta e a brocha.»

«— Não vamos perder tempo, acrescentou outro-vai ser por imersão...»

Manuel! Benzinho, meu amor... Aquela voz distante... será que estava no céu? Vai ver: morri afogado na lata de tinta. — Ó homem, acorda! E com este chamado veio um empurrão. — Hoje é dia de dentistas, tens de estar na Faculdade às 8 horas. Esqueceste? — NÃO! VAI PRO DIABO! NÃO VOU!...

M. Igrejas

Dr. Paulo Malheiro

ADVOGADO

Parque Delfim Guimarães, nº 7 - 1º Dto
Telefone 4940478 2700 AMADORA

**JOAQUIM RODRIGUES
TEIXEIRA & C^a, LDA**

Construções de Prédios para Venda
Alta Qualidade a Preços Compatíveis

EM BRAGA:

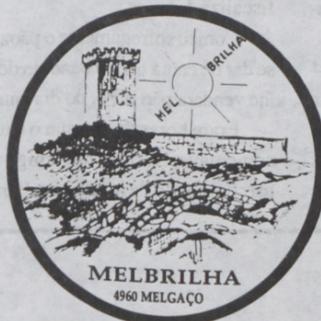
Escritório
AVENIDA CENTRAL, Nº 54 - 1º

Telefones
27256 / 25185

Serralharia Rodrigues & Sarandão

Possuidora de moderna maquinaria e pessoal apetrechado, realiza com perfeição e em óptimas condições todos os trabalhos da especialidade

Boavista — Roussas — Telefone 43567



Sócias Gerentes:

*Maria Fernandes Val Brito
e
Leonor Alves*

- ✓ Limpeza em:
 - Serviços Públicos e Comerciais;
 - Andares em prédios acabados de construir;
 - Residências particulares.

- ✓ Lavagem e limpeza de paredes
- ✓ Tratamentos de:
 - Mármore;
 - Tacos;
 - Corticites;
 - Alcatifas.

SEDE PROVISÓRIA

Rua Velha, s/ n - 1º Dto • Telefone 43111 • 4960 MELGAÇO

*Beatriz Augusta
Ribeiro Lima*

Agente distribuidora
dos vinhos do Porto

Av. Dr. António Durães
Telefs. 42302 / 43113 4960 MELGAÇO



Barros
Porto

**Dr. Oliveiros
Rodrigues**

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Continuação pág. 1

Castro Laboreiro

Subsídios para a História do Castelo

depois nº 21, tinha um efectivo de 23 homens, incluindo o Governador, Manuel Machado de Azevedo, pelo que todos não eram demais para defenderem aquela terra.

O segundo pormenor é constituído por uma nota à margem da contagem da pólvora e que diz «Em o prº de Mayo de 1763 cahio hñ Rayo no Armazem, e Ardeo toda a que avia que erão quatro Barris em meio e se arruinou o armazem, e capela de Santa Barbara que se acha mistica ao dº Armazem, e se necessita muito delle e daquela obra p' a as ocaziõs. Como também da Capela p' a a guarnição não ir a missa à fregª e desemparrar o Castelo como succedeo, em outras guerras, que o Inemigo se asenhoreou delle».

À parte as várias ilações que o texto decerto sugere, saliente, desde logo, a nota curiosa de que justamente cerca de cem anos antes «e no tempo das guerras com galiza (4) estando (Joze de Lima Castro) de goarnição no Castello de Castro Laboreiro foi morto com a ruina da Torre do Armazem que se arruinou com hum raio que cahio e deo na polvora, por sima do quartel aonde assistia no serviço de Sua Magestade Dom Afonso Sexto em os dezouto do mes de Novembro de mil seiscentos e sesenta e dous».

O perigo era, pois, evidente. Mas, que me conste, nem por isso havia subsídio de risco nem percentagem de aumento de serviço para que se batesse naquele baluarte...

(1) Minho Pitoresco, pag. 20

(2) Nº 3/Julho-Setembro/1990

(3) Doc. nº 10, 3ª DIV/9ª Sec/CX 16

(4) Guerra da Restauração (1640-1668)

Alberto Pereira de Castro

O Menino da Rua da Esperança

A Manuel Igrejas Brasil

Chamava-se Luís, aquele menino estático, de olhos enormes, povoados de um negro profundo, enigmáticos como o intocável horizonte do além, que alvos castelos de névens guardam com rudeza, sobre carreiras infinitas de serranias azuladas.

De cabelo ao vento, calças rotas, friamente desfloradas em duas feridas putrefactas que lhe aleijam os joelhos esqueléticos, espetados na frieza de dois pés calejados e disformes, que também doem, estende a mão à caridade dos transeuntes que desfiliam anónimos e desinteressados ante aquele olhar implorante, que o martírio apagou para sempre.

Passava sempre muita gente de bem naquela rua: intelectuais, padres, políticos, polícias, doutores, professores de cartola, homens de negócios, beatas, fariseus e publicanos... mas poucos davam, ao catraio, uma mísera moeda de cinco tostões e se a davam, acompanhavam-na sempre de um discurso tão empolgante que o pedinte não conseguia descodificar:

— Estas mulheres que botam os filhos para o mundo e os obrigam a ganhar para elas e para os amantes, queriam enforcadas!...

O Luís nascera na rua, numa rua qualquer, sem tecto, sem aconchego, sem roupa, sem pão, sem mãe... Tem agora seis anos e quatro irmãos. Ele é o do «meio» e todos «trabalham» na feira; uns aqui, outros ali... todos «trabalham», só o Ricardo, o mais novo do rebanho, que tem dois anos e dizem que é filho dum advogado, que o reconheceu, mas não o perfilhou e lhe vai «largando umas «croas» para que a Joaquina, «uma língua dos demónios», não arme nenhum escândalo que lhe arruine a carreira e o lar, é que é o mais protegido.

— Quando vier o «botapramula» — vinha sempre por volta das onze e meia da manhã — vais à padaria e compras um pão e mais nada, ouviste, mandrião?! À noite, quando te vier buscar, quero as

continhas certas... faz-te fino!... Ultimamente és o que ganha menos, por isso passarás a comer menos...

O que será comer menos? — Pobre criança!

— Dê-me um tostãozinho, meu senhor...

O carro de peixe apareceu à boca da rua da Esperança, com todo o seu espampanante alarido e o Luís lá foi, a correr muito, à padaria da esquina, que tinha uma montra imensa, cheia de bolos apetitosos e ficou ali, pasmado, a olhar-se no reflexo do vidro brilhante que o transportava imagisticamente para o meio de tantas doçarias... que bom! Ai se fosse a sério! Que apetite!...

— Que queres daí, vadio? Põe-te a andar; sujas-me a montra e corres-me com os clientes. Vai-te lavar e catar os pilhos.

— Quero dois pães!

— Trazes dinheiro?

Na palma da mão escurecida do Luís, tilintavam, amedrontadas, algumas moedas. O velho padeiro lançando-lhe o olho vivo, contou-as maquinalmente e disse-lhe:

Não chega para dois pães; faltam dois tostões. Levas um «petim» e chega-te bem.

O rapaz seguiu o homem de branco para o interior do estabelecimento e ao mesmo tempo entrava, também, a D. Mimi, que aconchegava ao colo um «Lulu» peludo, de guizos e laçarotes, que se arreganhou todo, ao olhar o mendigo.

— Deixa esse rapaz, «mon chéri», que te pode pegar as pulgas!

— Toma o pão e sai-me já daqui. Que praga, D. Mimi!

O menino saiu a correr e foi para o seu lugar, não fosse a mãe andar a fiscalizá-lo!

Comeu sofregamente o pãozinho sem se dar de conta que, o bandido do padeiro, lhe vendera pão duro, do dia anterior.

Eram horas de «atestar o baú», como comentava, há dias, um amigo meu que foi convidado de honra num banquete da

«Presidência Aberta»

A rua desfilou abruptamente para os restaurantes que rescendiam a guizados de galinha, tripas à moda do Porto e batatas com bacalhau. Ainda o tentou a ideia de ir mendigar uns restitos à tasca da tia Brízida, uma mulheraça vermelhona, muito gorda, de mangas arregaçadas, que uma vez lhe esborrifara um tomate podre na cara, quando se preparava para lhe fintar um bolito de bacalhau. Não, lá é que ele não ia!

A rua parou na sua quietude de pedra e o Luís passeou pausadamente o inocente olhar pelas árvores verdejantes da alameda, percorreu a calceta fatigada onde esvoaçavam, ao sabor da brisa do meio-dia, penas de galinha, cascas de cebolas, papéis de rebuçados e fixou-se longamente num cartaz enorme, cheio de meninos coloridos, que se davam as mãos e faziam roda em volta de uma bola enorme, azul e verde, cantando estrondosamente. Havia também umas letras muito grandes, que ele não percebia, mas achou bonito.

O nosso menino não sabia que aquele painel reluzente, cheio de fé e de boas intenções, anunciava o «Dia Mundial da Criança» e aí se liam alguns direitos de alguns meninos e meninas deste mundo. Os direitos do Luís não estavam ali considerados!

Por volta das duas horas da tarde o calor apertava a multidão que transpirava e se libertava de roupas mais pesadas, refrescando as goelas com longos tragos de cerveja geladinha, laranja e «cuncas» de vinho tinto.

A «vida» voltou a rodopiar indiferentemente, em torno daquela mão estendida, insignificante, anónima, esquecida.

De repente, ao fundo da rua, algo de estranho acontecia, de tão estranho que deixou o Luís deslumbrado. Os meninos de cartaz estavam todos lá empunhando grande tarjas de pano e mais cartazes: «Viva o Dia Mundial da Criança!» «As crianças de Portugal estão com os seus irmãos de Timor!»... E com o Luís?...

Ninguém estava com o Luís?!

Um corropio de pequenada envolveu-o, aniquilou-o, arrastou-o para o interior do cartaz

— Vem connosco para a festa!

— Como te chamas?

— És pobre?

— Não posso ir porque tenho que pedir esmola para dar a minha mãe...

Como um milagre, perante a estupefacção de todos, os meninos depositaram, na mãozinha envergonhada do Luís, o dinheirito que havia de comprar um «pirolito», para matar a sede nessa tarde incandescente.

Foi com eles. A educadora colhida de surpresa pela iniciativa dos infantes, ficou perplexa.

Que melhor cartaz poderiam exibir em tão lindo cortejo?! Não era o Luís o mais significativo de todos os cartazes?!

— Aquela mulher não tem juízo. Vem-lá, levar aquele pelintra para o meio das crianças!... Comentava um indivíduo mal encarado, que escabichava os dentes podres com um fósforo de madeira.

Ninguém fez caso.

A educadora levou-o para o infantiário, lavou-o, vestiu-lhe uma «roupinha velha que uma mãe caridosa deixara para um pobre que necessitasse», deu-lhe de lanchar, brincaram rodos com ele e, ao chegar a hora, foi depositá-lo no «seu» lugar — na Rua da Esperança.

A rua escureceu, os tendeiros foram desfilando e o peso da avenida deserta, abateu-se bruscamente sobre o Luís que, amedrontado, procurou refúgio naquele cartaz miraculoso que lhe dera uma tarde incrível, mas o enorme papel de letras garrafais jazia esfarrapado no meio do passeio e um menino de carnes roliças, muito rosado de faces, que uma mãe nervosa ripava pela mão, dava-lhe pontapés...

O Luís estremeceu. Atravessou a rua como um furação e recolhendo o papel destróado, alizou-o e guardou-o cuidadosamente: «Nunca se sabe se, para o ano que vem, não «pintará» outra tarde assim

In «Contos de Além — Minho»

Luís Faria



Hotel Carandá

* * *

Praceta João XXI — 4700 Braga
Tel. 612 200 - Telex 32136 - Fax 612 211

Avenida da Liberdade, 96 — 4700 Braga
Tel. 61 45 00 - Telefax 77030

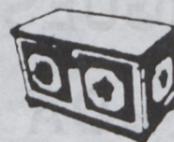
Proprietário e Administrador:

Manuel Rodrigues

Mesmo no coração de Braga, capital do Minho, um amplo e diversificado local para negócios, viagens e turismo de que os melgacenses residentes ou emigrantes poderão dispor como se de casa amiga se tratasse.

Cada cliente, um amigo, cada melgacense, um familiar.

Não deixe de nos contactar e de nos recomendar aos conhecidos e amigos!



Agência de Seguros

VALBRITO

- Apartamentos
- Vivendas
- Lotes de Terreno
- Seguros (Em todos os Ramos)
- Delegação do A. C. P.

Telefs. { 42433 — S. Gregório
43111 — Rua Velha — Vila, s/ nº 4960 MELGAÇO

Venda de Apartamentos e Lojas

IRMÃOS PEREIRAS, LDA

Compra, Venda e Troca de Imóveis

VISITE-NOS

NAIA — FERREIROS — 4700 BRAGA
Telfs. 29554 / 76077

A Corga de S. Rosendo

Há dias, no semanário do Minho «O CÁVADO», do qual é Director o nosso ilustre conterrâneo cónego António Luiz Vaz, li CAMINHOS DE S. ROSENDO e não só... da autoria de L. de Castro.

Como o jornal que refiro e também a «VOZ DE MELGAÇO» são dirigidos por ilustres conterrâneos de Melgaço, mais concretamente de Fiães, onde começaram a sua vida de estudantes em casa do seu querido e saudoso tio João Nepumoceno Vaz, mais conhecido por padre João da Adedéla, e, em Rouças, no Cerdedo, onde residiam seus queridos e saudosos pais, eu leio-os de fio a pavio porque as pessoas e os jornais (um e outro) fazem parte da minha vida.

E porque é, julgo eu, «A VOZ DE MELGAÇO» que mais se destina aos nossos emigrantes vou transcrever, com a devida vénia, alguns parágrafos de «CAMINHOS DE S. ROSENDO e não só...» onde o digno Autor diz:

«Acontece que um dos caminhos de passagem da fronteira em Monção e Melgaço era Castro Laboreiro em direcção a Celanova, Entrimo etc. Daí que vários acontecimentos históricos por ali se tenham verificado. Pelo menos assim o documentam a toponímia, a filologia e a tradição.»

«O rio Mouro, por ex. deu origem a Ponte do Mouro, cá em baixo, em Ceivães, onde reuniram a corte portuguesa e o candidato ao trono de Espanha para assinar o primeiro Tratado em Portugal e Londres, mais acima Riba de Mouro; nas origens geográficas, Lamas do Mouro. Quem é este Mouro?»

«Há a ponte românica ao lado direito de quem sobe de Melgaço para Lamas do Mouro, mais um caminho medievo que passa sobre ela.»

«Essa estrada era de trânsito para Es-

panha, vinha de Ceivães ou redondezas. E há a Corga de S. Rosendo.»

«Esta Corga ou caminho vem do rio Minho, em Chaviães ou Paços sobe a Fiães, dali a Castro Laboreiro em direcção a Celanova.»

«Corga de S. Rosendo, porque por ali passava o santo quando vinha de Compostela para o mosteiro por ele fundado.»

«A isso nos vamos referir quando falarmos de Celanova.»

É que, esta Crónica de Férias, recorda-me os meus tempos de crianças quando em feriados, domingos e dias festivos ia com os meus companheiros de escola estrada fora, desde a Portela do Couto ao Cortinhal, Val, Gondufe e Corga de S. Rosendo, sobretudo no Verão, subindo às cerejeiras, pereiras e macieiras, e raras vezes éramos apedrejados pelos donos.

A Corga de S. Rosendo, a poucos metros da capela de Nossa Senhora de Lurdes, descia até às margens do rio Minho, e dividia Chaviães que fica a sul e Paços, a norte.

Recordo-me perfeitamente de por aí subirem os romeiros e crentes de N^o S^o da Peneda, vindos da Galiza, atravessando de barco a remos o rio Minho no lugar da Pousa, mesmo em frente ao posto fronteiriço da guarda fiscal, em Portovivo-Chaviães. Eram filas e filas de gente levando à cabeça cestas fechadas em telhado, de cores variadas, com os seus merendeiros, mas a maior parte dos caminhantes iam a pão e água. Eram assim as promessas.

Recordo-me também, era o ano de 1923, de minha avó Rosa dos Anjos, já falecida, há 60 anos, dizer que por aí, Corga de S. Rosendo, foram caminhos para S. Tiago de Compostela. Mas também me recordo, e bem, que nessa altura, anos de 1923 a 1930, a Corga de S. Rosendo era esconderijo de ladrões, assim como o Souto Escuro, um pouco acima do caminho (ago-

ra estrada) que dava acesso a Chaviães e entre este e o lugar do Escuredo. Nesses recuados tempos atacavam quem por aí passasse, de noite, roubando-lhe tudo que fosse de valor, desde o dinheiro a outros valores. Nessa altura os nossos trabalhadores carpinteiros, pedreiros ou agrícolas iam trabalhar para terras da Galiza, atravessando o rio Minho, na Frieira ou rio Trancoso em S. Gregório ou outros locais. Quase sempre regressavam ao fim da semana os que trabalhavam perto da raia e anualmente, pelo Natal, os que iam para Madrid e outras terras longínquas.

Havia um carpinteiro no lugar de Gondufe-Chaviães, próximo à Corga de S. Rosendo, que trabalhando na Galiza regressava ao fim de semana, de noite.

E ao passar na Corga de S. Rosendo, no regresso, parava, assobiava e dizia: «Vós vindes ou não vindes! Eu, que sou mais velho, ando mais do que vós! Fazia isto para iludir os ladrões.»

Recordo esta passagem com precisão. O senhor Casimiro de Gondufe, assim se chamava, ia à Portela do Couto fazer as compras de mercearia, para toda a semana, na loja de minha avó Rosa dos Anjos, já lá vão 69 anos.

Todas estas passagens na minha terra-natal dão-me muitas saudades, e ainda mais por saber que todas as personagens já partiram para a eternidade, excepto meia-dúzia dos meus companheiros de escola: o Armando da Brasileira, o Nelo da Bela, o Cândido Gonçalves, filho do velho fogueteiro, já falecido; o Manuel Faustino, o António Ferreiro e seu irmão Zé Cândido. Para todos estes, que foram belos companheiros e amigos, o meu apertado abraço de amizade e os desejos de longa vida.

Setembro de 1992
A.R. Barbosa

A MOLEIRINHA, O MOÍNH E O FORNO

À memória da saudosa
velhinha Maria Adelina
Gonçalves, de
Pusafóles-Fiães.

No velho moínho
Alí, no Trancoso,
Cai milho na adalha
Sãozinho e cheiroso.
E a moleirinha,
Cansada e velha,
Prepara a farinha
Para o pão gostoso,
É o pão da vida!
Feito com amor,
Com amor e calma,
Pedações de alma
De um lavrador.

E no velho forno,
Da velha cozinha,
Entra o pão morno
Depois de amassado.
Sai quente, fresquinho,
Qual doce de ano...
Cozido, tenrinho,
Por Deus ofertado!

A porta do forno não pode fechar
Sem prévias palavras da velha forneira.
Faz sinal da Cruz;
E diz, como crente,
Pensando em Jesus:
— Em louvor de S. Gonçalo
Não saias insosso ou salgado;
— Em louvor de S. Agostinho
Que saia bem gostosinho;
— Em louvor de S. Clemente
Que Deus te acrescente;
— Em louvor de S. Silvestre
Tudo que eu faço preste,
Cresça o pão no forno
E o bem pelo mundo todo,
Viva o lavrador e morra o mal-feitor.

Setembro de 1992
A. R. Barbosa

RUI JOSÉ VIEIRA RIBEIRO

SOLICITADOR

Cont. nº 189 479 442

Rua Dr. António Durães
Telef. 43703 4960 Melgaço

**Vende-se
Casa Rústica**

Com quintal. Na Avenida das Tílias, junto ao túnel da Muralha. Mais conhecida como casa do Cataluna.

Contactar família:

Tel. 4579618 - Nova Oeiras, rede de Lisboa (01).

VENDE-SE

Casa de morada, nova, com rocios, no lugar de Ranhó, em Penso - Melgaço.

Tratar com Júlio do Nascimento Rodrigues - «O Nosso Café» - Melgaço Telef. 42445, ou Telefone em França (00331) 64279580



CONSTRUÇÕES

GUERREIRO & LIMA, L.DA

A firma de Melgacenses que, em Braga,

constrói

aluga

compra

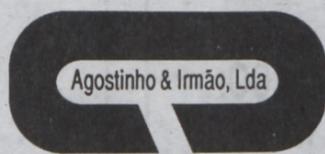
vende casas e apartamentos

com a chancela de **qualidade, bom preço e boas condições de pagamento.**

Contacte-nos e comprove a verdade, porque estamos certos de que será nosso cliente.

Escrit. - Rua do Fujacal nº 20 - R/c - Telef. 73337

Resid. - Rua do Pinheiro, 113 - Nogueira - Telef. 683103 - BRAGA



Agostinho & Irmão, Lda

**Construção e venda de
apartamentos, terrenos e lojas**

ESCRITÓRIO:

Av. General Norton de Matos, Nº 26 - 1º - Sala 5
Telef. 612287 4700 BRAGA

**COLOCAÇÃO DE ANTENAS
PARABÓLICAS**

Manuel Luis Domingues Rodrigues

Profissional de instalações eléctricas
e colocação de antenas parabólicas.

Residência e Armazém: CELA-ROUSSAS • 43191 • 4960 MELGAÇO

Casa Paris

Fundada em 1966

de: Jaime Afonso

Especializada em Louças, Cristais e Artesanato

Serviços de jantar, café e chá • Serviços de copos cristal e vidro • Bronzes • Cobre • Quadros Óleo • Brinquedos • Louças Decorativas e Brindes

LARGO DA CALÇADA • TEL. 42264 • 4960 MELGAÇO

DECOR. ALTO.MINHO

DE *Manuel Luis Domingues*

Venda de:

Cortinados • Varões • Sanefas

Mais que o exterior, é importante a decoração do interior da casa, onde se vive e se passam os momentos mais ternos e felizes da vida.
Uma casa bem decorada é sinal de distinção e elevação.

Estrada Nacional - Vila • Telf. 43903 • MELGAÇO

UM PROFESSOR!...

*Ao Amigo Professor
M. J. Rodrigues*

Era uma vez...

Mas não é uma história...!

São coisas e loisas

Que ficam na memória!

*Numa das nossas aldeias do Alto-Minho,
Estendida nas ingratas encostas da Serra
Tinha sido colocado um jovem Professor.
Rapaz novo! Solteiro! Simpático!...
Atleta!... e ...Cavaqueador!!!*

*Eu... pequeno, traquina...
Via-o passar na minha Aldeia
Em direcção a casa de seus Pais.
... No Domingo, à tarde, em sentido oposto!*

*Todas as vezes que o via
Fixava-o e seguia,
Com olhar juvenil
Seu caminhar de sacrifício!!!*

*No Verão, debaixo de um Sol escaldante,
Veste ao ombro, transpirando...
No Inverno, exposto às rudes intemperies da região,
Por caminhos tortuosos e encharcados!*

*As silvas e arbustos,
Pendentes das orlas nos caminhos, carreiros e atalhos*

Frisavam-lhe o cabelo, fustigando-lhe as orelhas!

E assim era a vida de um Professor rural

Naqueles tempos, em Portugal!!...

*Certo dia
Fui obrigado a frequentar a escola do bondoso Professor
Na vizinha freguesia.*

*E lá foi o garoto
Todo contente e... maroto!*

*Sentado numa velha cadeira
Por detrás duma mesa a deitar pó por todos os poros
Lá estava Ele...
O jovem Professor,
Amável... disciplinador...
E distinto pedagogo!*

*Gostaria imenso ter lá ficado
Mas não podia ser!...
Mesmo assim... muito obrigado!!*

*E hoje continuo, ainda, a vê-lo
Volvidos cinquenta anos...
Jovem! Amigo!...
Jamais poderei esquece-lo!!!...*

José Serrano

Pensa e Age

**SANTO ANTÓNIO DO
RELENTO**

Santo António
Do Relento,
Do lado de fora
Do Convento
Do Largo da Carioca,
Exposto
À chuva
E ao vento,
Enquanto
Lá dentro,
No aconchego
Do templo,
As outras Imagens,
Entre o ouro
E o incenso,
Recebem homenagens.
Meu Santo António
Do Relento,
Roga, eu te peço,
Por todos aqueles,

Que às margens da vida,
Sem teto
E comida,
Vivem ao relento
*Ana Maria da Conceição de Azevedo
Rio de Janeiro, RJ.*

O homem é aluno e a dor é que
ensina; e ninguém se conhece en-
quanto não sofreu. *Musset*

O egoísmo é eixo de sustentação e
vida de todo pecado. *I. Larrañaga*

Amar os oprimidos consiste em
denunciar as causas das injustiças
que os humilham e buscar com os
mesmos pobres os meios de uma
autêntica libertação, digna do ho-
mem e do projecto de Deus. *Michel Hubaut*

Agência Funerária Orquidea

COM AUTO-FUNEBRE PRÓPRIO

Fazemos funerais e trans-
ladações para todo o País e
Estrangeiro. Tudo relacionado com
o Funeral e todo o trabalho em
Flores naturais.

Serviço permanente
Contacte-nos pelos telefones:
Diurno: em Melgaço = 43048
Nocturno: em Alvaredo = 42037

Rua Dr. António Durães

Auto Lourenço

Serviço Oficial
TOYOTA
Assistência e vendas

Castro Laboreiro • MELGAÇO

Serralharia Artística

C O D Y

Portas • Caixilhos
Marquises

(Tudo em Alumínio anodizado)
de:

Carlos Alberto Codesso
Granjão - Pademe - Telef. 42244
4960 MELGAÇO

Bento Gomes

Materiais de
Construção Civil

Telef. 42113
4960 MELGAÇO



*Agora
é mais fácil!*



CONSULTE A SUA
CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA
COM A COLABORAÇÃO DA CAIXA CENTRAL

CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO DE MELGAÇO:

SIMBOLO DE PROGRESSO GARANTIA DE
SUCESSO: UMA PORTA ABERTA À SUA
POUPANÇA E UM APOIO CONSTANTE AO
SEU DESENVOLVIMENTO E AO PRESTÍGIO
DA SUA TERRA

Contacte-nos e comprovará a diferença



FABRIMAR DO PRINCÍPIO AO FIM
Uma ração de raça

SUINOS
Fabri 801
Fabri 815
Fabri 816
Fabri 831

SUINOS EM CICLO
FECHADO
Fabriarranque
Fabrileitão
Fabrilombo
Fabriporca

VACAS LEITEIRAS
Fabri 321

VACAS LEITEIRAS
ALTA PRODUÇÃO
Fazleite
Fazleite Energia
Fazleite Proteína

À Venda na Cooperativa de Melgaço

Recordando... ... Meditando

PINTORES CÉLEBRES

Razão tem o provérbio que diz: Ninguém sabe aquilo que é capaz de fazer até experimentar.

Sucedeu precisamente isso com o grande pintor italiano Giotto, cujo nome é talvez menos sonante que Miguel An- gelo, Rafael ou Leonardo da Vinci.

A razão talvez se deva por Giotto ter nascido em 1276 e os outros à roda de duzentos ou mais anos depois.

O valor da sua arte não é porem, nem de longe, inferior à daqueles.

Muito pequeno ainda Giotto di Bondone começou a guardar ovelhas e cabras.

Seu pai que fora também pastor aprendeu o ofício de ferreiro e desse trabalho vivia, o que faz presu- por uma vida muito modesta.

Que probabilidades teria um peque- no com 10 anos, nestas condições, de aproveitar os talentos que Deus lhe dera? A maior parte das pessoas responderia: nenhuma.

Tal não sucedeu, porque a quem Deus dá os dons, não os negará.

O garoto nas suas muitas horas pas- sadas a apascentar o gado, apreciava a natureza, os passarinhos, o seu próprio gado, as nuvens do céu, enfim, tudo o que o rodeava.

Afinal acabou achar, do uma ocupa- ção que, à força de interessá-lo, acabou por absorvê-lo.

Em frente de uma das muitas pedras brancas e lisas que havia por perto, com uma lasca de ardósia ele começou a desenhar os seus cabritinhos e a pouco e pouco, tudo o que o rodeava.

Um dia em que se entretinha na sua ocupação favorita, sentiu atrás de si al- guém parar e examinar curiosamente o seu trabalho.

Cimebre um grande artista de Florença enquanto dava um passeio pelo campo viu o rapazinho tentando desenhar na pedra e decidiu ver de perto o que ele fazia. Tão impressionado ficou que, logo ali lhe per- guntou se queria ir com ele para Florença e tornar-se um grande artista. O garoto ficou perplexo e não sabia se estava a sonhar ou acordado.

Desceram a colina e foram falar com o pai de Giotto, pedir a devida autorização para Cimebre tomar conta do pequeno.

Não foi difícil tal permissão, visto que o futuro de um pastor não era nada risonho.

De pronto caminharam para Floren- ça, onde Giotto em pouco tempo ultra- passou em talento e arte, todos os discípulos do Mestre.

O seu protector desejou que ele aprendesse tudo, se cultivasse para além da pintura e, para isso, deu-lhe como Mestre um célebre professor.

Quando Cimebre morreu, Giotto contava 26 anos.

Chorou-o como se fosse seu pai e determinou quando a morte o chamasse seria sepultado ao lado do seu mestre. De facto, assim estão lado a lado numa igreja em Florença.

A sua fama chegou aos ouvidos do Papa Bonifácio VIII que desejava fazer algumas decorações na sacristia da igre- ja de S. Pedro.

Mandou mensageiros intimando vários dos maiores pintores de Itália a

virem a Roma. Giotto que voltara à sua terra, dividia o seu tempo entre o pincel e o arado.

O mensageiro foi encontrá-lo numa cabana onde misturava alfaias agrícolas, telas, pinceis e tintas.

Naquele tempo não havia telas, mas sim pergaminhos.

— Sua Santidade, o Papa deseja examinar o seu trabalho, Mestre Giotto, disse o mensageiro.

— Deixe-me ver alguns dos seus quadros, pois estão a chegar a Roma todos os bons artistas e assim decidiremos se podemos aproveitá-lo.

Giotto riu e mergulhou vigorosa- mente um pincel num pote de tinta vermelha e num pergaminho desenhou num só traço um enorme circulo e entre- gou-o ao mensageiro.

Depois de discutirem se aquilo era a sério ou apenas uma graça, o mensagei- ro levou ao Papa o pergaminho. Tam- bém o Papa ficou intrigado mas depois de uma série de perguntas ao mensagei- ro e de olhar para o circulo que estava perfeito, decidiu chamá-lo. Mes- mo que não fosse para pintar, ao menos para contar anedotas, porque Giotto ti- nha fama de saber muitas.

Ainda se costuma dizer em Itália de alguém que deseja tentar impossíveis: Quer fazer o circulo de Giotto.

Bonifácio VIII deslumbrou-se com o talento de Giotto. Pintou frescos, ce- nas de vida de Cristo e tudo o que o Papa entendeu encomendar-lhe.

Deixou uma herança invulgar, pois antes da sua morte toda a cidade grande, toda a igreja importante de Itália, guar- dou o testemunho do seu estranho génio.

Foi o primeiro gigante que apare- ceu na escala dos pintores imortais em mais de mil anos. Giotto di Bondone contratado para pintar uma série de frescos na capela de S. Francisco de Assis, onde o Santo está sepultado, e de quem fora amigo, sentiu uma inspi- ração fora de comum, depois de ter estado sob grande tensão.

Pintou vinte e oito frescos com mo- tivos da vida dêsse que foi um dos Santos mais humildes, e ao mesmo tempo, um dos maiores que já foi canonizado pela Santa Madre Igreja e com eles revolu- cionou a arte, pois a Renascença come- çou ali. Nunca até então os artistas tinham pintado homens e ele fê-lo. Usou constan- temente a natureza pensando que a alma do Santo se sentiria bem. Também com introdução da paisagem na pintura Giotto deu a primeira contribuição à arte moderna. O seu último trabalho antes de morrer aos 61 anos, foi um milagre de arquitetura.

O Campanilhe de Florença, mais conhecido pela Torre de Giotto, ergue-se a oitenta metros acima do solo e é toda em mármore colorida, com baixos rele- vos e de uma beleza incomparável.

É como o seu hino final à Glória de Deus.

Lisboa - Março de 1992
M.S.



Compra, Venda
e Alugueres
Mediação em
Bens Imóveis

DE:

Heitor D. Campos Amoedo

Rua General Pimenta de Castro, nº 20 - 1º Esq.
Telefone (51) 652872 - FAX (51) 652468 - 4950 MONÇÃO

MÓVEIS SAMEIRO, L.da

MOBÍLIAS — ESTOFOS E DECORAÇÕES

OFERECEMOS:

- Qualidade
- Garantia
- Conforto
- Os melhores preços

VISITE-NOS E
FICARÁ CLIENTE

NOGUEIRA - BRAGA, TELEFONE: (053) 684286

ELECTROVISÃO

Maria Adelaide Fernandes

Agente Oficial das Marcas:
AEG / TELEFUNKEN e GRUNDIG

Assistência Técnica
Venda de Aparelhos
Electrodomésticos

Rua do Rio do Porto
Telf. 42650/4 • 4960 MELGAÇO

Funerária Mira

A primeira:

- ✓ no tempo
- ✓ no serviço e agrado
- ✓ na qualidade e custo
- ✓ no saber estar e acompanhar

Auto fúnebre para
funerais. Transla-
dações em todo o
país e estrangeiro

Serviço
Permanente

Alvaredo e Rua Dr. Afonso Costa
Telefone 42237

4960 MELGAÇO

Construções de:

João da Costa Pereira de Macedo
Compra e venda de propriedades

- Vivendas e Apartamentos
- Escritórios - Estab. Comerciais
- Quinta - Lotes para construção
- Venda e aluguer de armazéns

Contacte

Escritório:
Av. da Liberdade, 498 - 1º Esq.
4700 Braga - Telef. 26535 - 773118

Residência:
Prado - 4730 - Vila Verde
Telef. 921319



Mirafior

A BOUTIQUE DAS FLORES

Ramos de noiva, ornamentação de
carros para casamentos, Decorações
de igrejas, Arranjos de flores frescas,
secas e artificiais, Coroas, Palmas,
Bouquets, Corações, Etc.

Rua Dr. Afonso Costa • Telefone 42237 - Melgaço

Farmácia Dias Ferreira

Direcção Técnica e Propriedade:

D.ª Júlia Eduarda Dias Ferreira

EM SERVIÇO PERMANENTE E AO SERVIÇO DA SAÚDE
E BEM-ESTAR DOS MELGACENSES

Estrada Nacional • Telefone 43312 • MELGAÇO

Manuel António Ribeiro

SOLICITADOR

Escritórios:

MELGAÇO
Largo Hermenegildo
Solheiro - Telf. 42211

MONÇÃO
Av. da Estação/Ed.
Chave Douro, 2º Esq./Frente

Notícias do Rio de Janeiro

Por
MANUEL
IGREJAS

No dia 23 de Setembro aconteceu um incêndio num casarão antigo, aqui no centro da cidade. Era uma casa de dois andares com noventa anos. No rés do chão funcionava uma loja de ferragens e no andar superior moravam os proprietários, um casal de portugueses já idoso. Ardeu tudo. Os bombeiros limitaram-se a evitar que o fogo se propagasse às casas vizinhas. Ao final do sinistro a reportagem da televisão focalizou o desespero do casal proprietário, lamentando-se em choro convulso, declarando: «as economias de toda a nossa vida de trabalho transformadas em dólares e joias, estavam num pequeno baú fechado com forte cadeado que apareceu arrombado e vazio!... Só quem estranhou na casa foram os bombeiros... O Comandante da Corporação admitiu a possibilidade de furto e anunciou a abertura de rigoroso inquérito. Mais um no país dos inquéritos.

* * *

A Glória de Lurdes Alves (a do Rei Miramolim), de S. Paulo, está na bronca com o computador da administração do nosso periódico. Veio na cinta do seu jornal que estava pago o ano de 1990. Nesse ano ela ainda não era assinante. Começou a recebê-lo em abril de 92 e está pago o ano de 1992. Dr. Carlos Nuno, dê um puxão de orelhas no computador, se é que tem orelhas...

* * *

No número de 15 de Setembro veio noticiada a chegada de mais um membro da estirpe Igrejas. Aliás o primeiro rebento da segunda geração francesa e o primeiro neto do Adolfo. Jordão Francis é o nome do cidadão. São os sobrinhos bisnetos que estão surgindo para ocupar o nosso lugar... Não sei que há com essa turminha que querem fazer-nos velhos a todo custo. Só que, nós vamos manter-nos jovens e eles vão emparelhar conosco... Brincadeira, gente, vamos encher o mundo de Igrejas. Milhões de facilidades e parabéns para nós.

Adolfo, antigamente, quando sabias escrever, estas coisas vinham a nós direito e em primeira mão; agora só pelo jornal. Ainda bem que existe o jornal para o bem de ambos os lados...

* * *

O Ventura enviou-me novo material para o meu acervo Melgacense: noticiário e fotografias da Festa da Cultura, livros e prospectos. O Manuel João, nosso estafeta particular, foi o portador. Obrigado a este amigalhão. Do material chegado constavam dois livros, «Estância Termal de Melgaço» e «Carneiros em Transumância Emigrantes Clandestinos».

* * *

Como sempre faço quando me chega à mão um novo livro, me aquilatar da sua importância e o lugar que deva ocupar na fila de espera para ser devidamente «degustado», dei uma olhadela no «Carneiros em

Transumância...», de Ricardo Gonçalves, ilustre intelectual e conterrâneo, de Paderne.

Não pode resistir à atração e li-o total e imediatamente. O tema é aliciente, bem desenvolvido, bem nossa terra, em narração envolvente e linguagem agradável e primorosa com termos das nossas aldeias, no caso, Paderne. É realista mas exagerado, muito pessoal no conceito ideológico. Esta intenção do autor, entretanto, é desculpável uma vez que na apresentação da sua pessoa se confessa militante socialista. Todavia, o rancor ao anterior regime de Portugal deminui um pouco o valor literário. Ele poderia contar a história sem marcar os conceitos políticos, apenas da-los a entender subjetivamente. Como expõe abertamente o seu idealismo, da-me o direito de dizer que não concordo totalmente com esses conceitos. No entanto, à parte o exposto, o livro é bom, muito bom, mesmo. Um grande mérito, além do valor intrínscio, é provocar na consciência dos leitores, pessoas daquele tempo, uma análise, profunda meditação do sacrificado modus-vivendo daquela época. Nalguns trechos tive de reler várias vezes para apreender o sentido devido a pontuação confusa. Isto será motivo para uma apurada revisão na próxima edição. O livro é interessantíssimo com passagens de bom humor sutil e inteligente e a segunda parte de terrível dramaticidade. Recomendo a sua leitura a toda a gente especialmente aos Melgacenses. Aqueles emigrantes que deram o «salto» nos anos 60 e 70 vão se achar retratados. O livro focaliza muitas verdades, algumas bem terríveis que não deveriam ser ditas, porém, nem sempre devidas às circunstâncias a que refere. O autor na ânsia de expor seu ponto de vista ideológico atribue todos os males ao regime a que era avesso.

O livro foi escrito há 11 anos e neste lapso de tempo muitas das essertivas assacadas contra o regime de então, estão sendo vistas doutra maneira.

Se aos vinte e quatro anos o Ricardo foi capaz de escrever uma obra destas muito há a esperar de sua inteligência e amadurecimento. Fica nos devendo uma obra de louvor à tenacidade dos que venceram, emigrantes ou não.

Ao Ricardo Gonçalves, o meu aplauso, o meu incentivo e o pedido para aceitar a minha amizade.

* * *

Aplausos, também, às pessoas que administram a nossa terra. Nunca se deu tanto valor à cultura e às artes como atualmente. De parabéns a Associação Cultural «Inês Negra» que patrocinou a edição do livro de Ricardo Gonçalves; de parabéns a Câmara Municipal pelos eventos culturais que promove e pelos livros que edita e de parabéns «A Voz de Melgaço», arauto e participante de toda esta explosão cultural.

* * *

E o Brasil levou mais um trambolhão!

O Presidente Collor tantas fez e deixou fazer que foi afastado do cargo por crime de responsabilidade aguardando julgamento do Senado. Por seus atos o país fica na expectativa. O Vice que assume, Itamar Franco, não poderá fazer grandes alterações. Já pensaram se o Senado considera o Presidente inocente e o reinveste no cargo? Ele não aceita a renúncia ainda que negociada...

Os jornais, revistas, rádio e televisão nunca tiveram tanto assunto para explorar e o povo divertiu-se a valer em passeatas e comícios num sensacional carnaval extemporâneo. Se não inventarem logo outro divertimento que vai ser deste pessoal?...

* * *

À parte a gozação que por aqui se faz em cima de qualquer facto, ainda que seja catástrofe, é mais uma nova fase que se inicia. Depois da desilusão do Governo Collor o povinho volta a procurar no fundo de suas gavetas aquele fiapo de esperança que tinha guardado com carinho. Tomara que Deus se apiede de nós. Só que, ainda é a mesma geração...

* * *

No próximo dia 10 o meu tio José vai completar 96 anos. Ainda se movimenta bem mas bastante esquecido. Enquanto aqui temos o último remanescente da segunda geração dos Igrejas, em Melgaço e na França já vai na sexta geração. Eu não digo que vamos longe?...

Rio, 2-10-92
M. Igrejas

DIANA



Esta linda criança de apenas 1 ano e 4 meses de idade é a mascote do Rancho Folclórico Cancioneiros de Águeda, do Clube Português do Rio de Janeiro. Sua irmãzinha de 5 anos, ao lado dela na foto já canta e dança no Rancho e ela, provavelmente vai seguir-lhe os passos. Seu pai e sua mãe dançam no Rancho do Cancioneiro de Águeda. Na foto vemos o sr. Farias, seu avô feliz em ver Diana já com o traje de Aveiro. O avô é natural do Minho, da cidade de Braga.

De Paços

Casamento Elegante



Com grande sumptuosidade, realizou-se no passado dia 29 de Agosto na Igreja Paroquial de Santa Maria de Paços, o enlace matrimonial de David Augusto Soares Gonçalves, filho de Albano Júlio Gonçalves e de D. Maria de Jesus Soares, naturais de Fiães, com Alice Rodrigues, filha de Hermínio Rodrigues e de D. Maria Argentina Rocha de Sousa Rodrigues, do lugar do Coto, desta freguesia.

Foram padrinhos, por parte do noivo, José Luis Gonçalves e D.ª Maria Margarida Rodrigues, e por parte da noiva, José Augusto Domingues, funcionário da Caixa Agrícola de Melgaço e sua esposa D.ª Maria Luiza Rodrigues.

No final do acto religioso, os noivos acompanhados de cerca de uma centena de carros, dirigiram-se à acreditada pensão Boavista no Pêso, tendo sido oferecido um lauto e bem confeccionado almoço de confraternização a cerca de 100 convidados. No final os noivos, seguiram em viagem de núpcias, através de algumas terras do País, incluindo o Algarve.

Aos noivos que são dotados de excelentes qualidades morais e religio-

sas, desejamos muitas bênçãos de Deus e muitas felicidades pela vida fora.

Baptizado

No passado mês de Agosto foi baptizado nesta Igreja Paroquial uma criança de sexo masculino a quem foi posto o nome de Nelson Esteves Vasquez, filho de António Vasquez e de D.ª Maria Armanda Esteves Vasquez. Foram padrinhos: Rui Martins Sérvio e a menina Alda Maria Bernardes Faria. Ao cém baptizado, desejamos-lhe muitas felicidades e aos pais os nossos sinceros parabéns.

NECROLOGIA

No hospital de Viana do Castelo, faleceu, há dias, a senhora Maria de Jesus do Souto, viúva, de 75 anos de idade, do lugar dos Casais. O seu corpo foi trasladado daquele Hospital, para a residência de seu filho no mesmo lugar e seu funeral realizou-se com grande acompanhamento para o cemitério. Em nosso nome pessoal e em o da Voz de Melgaço, apresentamos a toda a família enlutada, de modo particular a seus queridos filhos, as nossas sinceras e comovidas condolências.

Ladrões à solta

Há dias gatunos audienciosos tomaram de assalto algumas casas do lugar do Coto, tendo roubado vários objectos de certo valor estimativo, bem como géneros alimentícios. Seria bom que as autoridades procedessem às necessárias averiguações, a fim de descobrir esses Vagabundos, que não querem trabalhar e dessa forma dar-lhe o castigo que merecem.

INFORMAÇÃO VÁRIA

Parabens

É sempre agradável noticiar bons acontecimentos, momento quando prestigiam a família e honram a sociedade.

E nos meios pequenos, como o melgacense, servem de estímulo. Ora o casal Manuel José Alves e Julieta da Conceição Quintela são uma dessas famílias que usufruem a felicidade de serem um casal exemplar e bons educadores.

Das quatro filhas, que o Senhor Ihes deu, uma está em França e a mais nova, a Bernardete de Lurdes, com 18 anos, ingressou na Universidade do Minho no curso de Inglês e de Alemão, a Florbela Maria, licenciada em Português e Inglês, lecciona em Aljustrel, a Maria da Conceição, licenciada em Português e Francês, lecciona, em Águeda, na Escola Secundária de Marques Castilho.

Os nossos parabéns aos Pais e às filhas, com votos de muita felicidade.

Em férias

De visita à sua terra Natal, bem

como a sua estremecida família, da cidade do Porto, deslocaram-se os srs. Álvaro Manuel Sousa Cortes, solteiro, de 22 anos de idade, desenhador e escritor das Edições Asa e sua irmã, Maria do Carmo Sousa Cortes, solteira, de 25 anos de idade, enfermeira, no Hospital de Prelada. Ambos são filhos do nosso estimado assinante Sr. Álvaro Augusto Cortes e da Sra. Lindalva Augusta Gomes de Sousa, residentes em Galvão, Prado-Melgaço.

Aos nossos visitantes, desejamos a continuação de boas festas e muitas felicidades.

Cinema

O Instituto Nacional para Aproveitamento dos tempos livres dos trabalhadores tem, através, da sua delegação de Viana do Castelo, um filme por cada mês ao dispor dos Centros de Cultura e Desporto e Casas do Povo.

Quem o pretender deverá pedi-lo até ao dia 5 de cada mês, com dia e hora.